

História e jornalismo: apontamentos para a memória da imprensa porto-alegrense nas crônicas de Aquiles Porto Alegre¹

Henrique Perin²
Universidade de Lisboa

RESUMO

Esta pesquisa apresenta a rememoração da imprensa porto-alegrense nas crônicas de Aquiles Porto Alegre, jornalista e professor gaúcho atuante entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Suas lembranças legitimam sua identidade pessoal e celebram o passado, resgatando suas impressões sobre a imprensa da capital sulina, encontrando convergência em registros escritos e nas recordações dos agentes sociais, na memória coletiva e nas lembranças reconstruídas pelo cronista.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa; crônica; Aquiles Porto Alegre; Porto Alegre; história.

CORPO DO TEXTO

Três cenários, aponta Marialva Barbosa (2012), constituem as relações entre os campos da História e do Jornalismo. São eles: Jornalismo e História, História no Jornalismo e História do Jornalismo. Tomando essa assertiva como verdadeira, é necessário pensarmos na tessitura que une estas três dimensões de estudo. A possibilidade de trabalhar com as duas esferas de maneira concomitante é oferecida tanto pela professora Marialva Barbosa (2012) quanto por Paul Ricoeur (2011), quando pensamos na *representância* que as áreas ofertam quando se busca a fixação do passado para que seja utilizado de maneiras múltiplas no futuro. Se há a cristalização de expectativas e intencionalidades no campo da História, pressupondo que dado fato deve ocorrer antes de existência de quem o narra, é inerente ao ofício do historiador a relação entre o texto e o seu referente, o rastro histórico e o vestígio do passado (Ricoeur, 2011). O Jornalismo, por sua vez, oferece a oportunidade de fixar em um suporte material os fatos que os historiadores porventura venham a narrar (Barbosa, 2012).

Nessa esfera, em que História e Jornalismo por vezes se retroalimentam e compartilham, ora suportes, ora técnicas, existe um gênero jornalístico (e por vezes literário, a depender do gosto do pesquisador) que circula com alguma naturalidade: a

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos da Comunicação, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 3 a 5 de julho de 2025.

² Pesquisador do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e-mail: perin82@hotmail.com.

crônica. A função da crônica no jornalismo brasileiro, em um primeiro instante, opera como o relato do cotidiano, ou como Jorge de Sá (2005, p. 7-8) aponta, “a soma do jornalismo e literatura” que registra o circunstancial. Essa é uma das funções da crônica, especialmente aquela ligada ao formato contemporâneo de jornal, estabelecido após a Revolução Industrial, em que não só o efêmero e a união do útil com o fútil – agora tomo emprestado o conceito de Machado de Assis (1957) – dão a tônica do seu conteúdo, mas que versa, principalmente, sobre a sociabilidade e o cotidiano das práticas humanas.

Continuando com a lógica da professora Marialva Barbosa (2012), os materiais criados pelo ofício jornalístico auxiliam a interpretar a experiência humana em sua complexidade (o *habitus*, em outros termos), criando um sistema que revela o que a autora chama de “circuito da comunicação”, um conjunto de informações que lega ao fazer historiográfico dados sobre os agentes envolvidos em todo o processo que permeia a relação emissor-mensagem-receptor. Ainda, os vestígios deixados pelo trabalho jornalístico (reportagens, matérias, resenhas, crônicas e etc.) permitem que o pesquisador descubra o propósito de dada publicação, quem escreve essas publicações, quem as lê, e como as lê (intenção, autor e leitor, respectivamente, o que cria um “jogo”, como aponta Wolfgang Iser (2011)).

Assim surge a figura de Aquiles Porto Alegre (1848-1926), jornalista e professor, mas principalmente cronista sul-rio-grandense. Aquiles (deturpando a regra acadêmica, tomarei a licença de nomeá-lo por seu primeiro nome, evitando assim a cacofonia de citá-lo por seu sobrenome, já que o principal objeto de sua escrita foi a cidade de Porto Alegre) nasceu na cidade de Rio Grande, mas viveu, escreveu e morreu em Porto Alegre. Dentre sua vasta produção jornalística, destacam-se as contribuições na *Revista do Partenon Literário*, entre 1869 e 1879, no *Jornal do Comércio*, periódico que dirigiu entre 1880 e 1891 e no *Correio do Povo*, em diversas oportunidades entre os anos de 1904 e 1922.

A crônicas de Aquiles tratam principalmente de suas memórias, interpretam seu momento presente conforme é vivenciado e, ao passo que recorda o passado de Porto Alegre, percebe a operação modernizadora concluída – pensemos essa "operação modernizadora" conforme os argumentos de Walter Benjamin (2017): sua *flânerie* contempla o desaparecimento da vida privada e o cronista atribui a si a necessidade real e sentimental de preservar objetos, pensamentos e fatos do passado para que se preserve seus contornos, incluindo as consequências agora conhecidas sobre o que seria então o

futuro. A memória do cronista não é o reflexo mimético do que aconteceu ou do que viveu, mas a representação do que substitui o referente; é a lembrança da realidade de quem a viveu, não o retrato espelhado dos fatos que ocorreram (PESAVENTO, 1999).

São inúmeros os assuntos e aspectos da cidade de Porto Alegre tratados por Aquiles, como sua sociabilidade, os antigos aspectos da cidade, as escolas, os tipos populares, a relação entre o urbano e o bucólico e a imprensa, dentre outros. A imprensa porto-alegrense oitocentista, ou como o cronista (1994, p. 120) aponta, a “imprensa do passado”, inicia em 1862, sendo esse “o período mais brilhante da imprensa rio-grandense”. Jornais, personagens, acontecimentos e situações são lembradas pelo escritor, e do mesmo modo como as lembranças corroboram sua identidade pessoal e lhe conferem o status de “guardião da história”, a rememoração do passado perpetua a autoconsciência coletiva. Para assegurar que os acontecimentos pretéritos foram tão (ou mais) importantes quanto os do presente, Aquiles nos satura de detalhes e fragmentos do que ocorreu, ratificando a memória e apresentando-a como relatos históricos. As pessoas são diferentes, apesar de manterem características análogas com as atuais; edifícios desaparecem, mas cedem lugar a novos, mais higiênicos e menos acanhados; o progresso mata o pitoresco, mas o embeleza.

Voltando à professora Marialva Barbosa (2012), a relação entre as práticas jornalísticas e as historiográficas, quando tencionada aos três cenários apresentados no primeiro parágrafo, possibilitam que o se crie possibilidades múltiplas de concatenação entre o tempo presente em que autor se move, entre o tempo pretérito que evoca e entre o tempo futuro, em que constrói suas narrativas com um desejo e intenção claras. Esse é o ponto de inflexão nas crônicas de Aquiles: realizar uma operação que consiste no amálgama entre memória e história. Mesmo que para Aquiles rememorar seja um processo de introspecção, reciprocamente envolve-se com o relato de fatos históricos, criando fronteiras tênues, mas que ainda assim são facilmente diferenciadas. A memória é indubitavelmente reconhecida de imediato; a história, entretanto, é empiricamente verificável.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva Carlos. Cenários de transformação: Jornalismo e História o século XX. In: **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 458-480, 2012.

BENJAMIN, Walter. **Baudelaire e a modernidade**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

ISER, Wolfgang. O jogo do texto. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **A literatura e o leitor: textos da estética da recepção**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2011.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Crônicas. **Obras Completas de Machado de Assis**. Vol.22. São Paulo: W. M. Jackson Inc. Ed., 1957.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O Imaginário da Cidade: visões literárias do urbano**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

PORTO ALEGRE, Aquiles. **História popular de Porto Alegre**. Porto Alegre: UE, 1994.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Editora Ática, 2005.